

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO PARANÁ

PALÁCIO XIX DE DEZEMBRO

DIRETORIA LEGISLATIVA

Sessão Solene de Outorga do Título de Cidadania Benemérita do Estado do Paraná ao Sr. Nilson Valdir Muller, realizada em 18/4/2023.

SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS: Senhoras e Senhores, muito boa noite. Sejam todos bem-vindos ao grande Plenário da Assembleia Legislativa do Estado do Paraná, Centro Cívico, Curitiba, Capital do Estado. Informamos que esta Sessão está sendo transmitida ao vivo pela *TV Assembleia* e pelas nossas redes sociais, portanto cumprimentar também aos nossos amigos e amigas que nos acompanham a distância. Senhoras e Senhores, a Assembleia Legislativa do Estado do Paraná tem a honra, a satisfação e a alegria de realizar a Sessão Solene de Outorga do Título de Cidadania Benemérita do Estado do Paraná ao Sr. Nilson Valdir Müller, por proposição do Deputado Douglas Fabrício. E convidamos então para compor a Mesa de Honra: Deputado Estadual Douglas Fabrício, Presidente da Sessão, nosso anfitrião e proponente da homenagem; homenageado desta noite, nosso querido Nilson Valdir Müller; Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, queridíssima Luciana Casagrande Pereira; Secretário de Estado do Esporte do Paraná, querido Hélio Wirbiski; um dos maiores comunicadores do Brasil, Vereador de Curitiba, da Capital do Estado, querido Herivelto Oliveira; e Roberson Maurício Caldeira Nunes, Coordenador do Centro de Documentação da Casa da Memória, neste ato representando o querido Gabriel Serratto Paris, Diretor de Patrimônio Cultural da Fundação Cultural de Curitiba. Enquanto o Deputado Douglas Fabrício, o homenageado e as autoridades se acomodam, queremos também pedir às senhoras e aos senhores uma salva de palmas muito especial, além do nosso querido Nilson aqui, à família do Nilson e aos amigos, na pessoa de sua esposa, a querida Nilza. Viva a família! (Aplausos.) Está aí a Nilza recebendo os cumprimentos e o nosso boa noite. Olha, queremos também

cumprimentar aqui, Deputado Douglas Fabrício, a presença e a participação de mais um querido amigo que está conosco aqui, ele que coordena a Gibiteca de Curitiba, neste ato representando a Ana Cristina de Castro, que é a Presidente da Fundação Cultural de Curitiba. A Ana Cristina não pôde estar conosco, mas encaminha um grande e fraternal abraço e se faz representar pelo querido Fulvio Pacheco. Fulvio, obrigado pela presença e pela participação aqui conosco. A Gibiteca não poderia faltar. Uma salva de palmas à Gibiteca! (Aplausos.) E agradecer e cumprimentar as senhoras e os senhores, cumprimentar os profissionais de imprensa, cumprimentar aqui o Nilson Paul Ribas, cumprimentar aqui a Neusa, cumprimentar todo o pessoal que está conosco, todos os colaboradores da Casa de Leis do Povo do Paraná.

Neste instante, para a abertura oficial desta solenidade, proponente da homenagem, Senhoras e Senhores, Deputado Estadual Douglas Fabrício com a palavra.

SR. PRESIDENTE (Deputado Douglas Fabrício): Boa noite a todos e a todas. “*Sob a proteção de Deus*”, declaro aberta a **Sessão Solene de Outorga do Título de Cidadania Benemérita do Estado do Paraná ao Sr. Nilson Valdir Müller**, aprovada por unanimidade nesta Casa de Leis. Convido todos para ouvirem o Hino Nacional Brasileiro, a ser cantado pelo Coral Paraná, sob a regência da Maestrina Ana Luísa Vargas.

(Execução do Hino Nacional Brasileiro.)

SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS: Pedimos uma salva de palmas ao nosso Coral Paraná. (Aplausos.) O Coral mais elegante e mais afinado do Brasil! Senhoras e Senhores, agradecer também, obviamente, à Maestrina Ana Luísa Vargas. Devolvemos a palavra ao nosso anfitrião, Presidente desta Sessão de honra especialíssima e proponente desta belíssima homenagem, Deputado Estadual Douglas Fabrício.

SR. PRESIDENTE (Deputado Douglas Fabrício): Obrigado, Valtinho, nosso querido ceremonialista, que sempre é uma alegria quando trabalhamos juntos. Obrigado. Vou falar um pouquinho aqui. Quero ser breve porque vi que tem

muitas pessoas para falar, quero mais aqui ouvir do que falar - o homenageado e as pessoas que vieram também homenageá-lo com a sua presença. O Nilson que é o artista, Nilson Valdir Müller, que nasceu em Curitiba, desde criança desenhava em casa copiando quadrinhos e já mostrava grande qualidade nos traços e nas pinturas. Quando criança, eu me lembro das figurinhas do Zequinha. Acho que o Paraná todo lembra, não é? Quem está já com esta idade que nem eu, o cabelo branco. Tive a oportunidade e o privilégio de conhecer o Nilson, que é o artista, o homenageado desta noite, através do Dr. Ivo que está aqui. O Dr. Ivo, todo elegante, não é, Dr. Ivo? Ele que me falou e, inclusive, sugeriu para que apresentássemos um Projeto de Lei, para que os Deputados apreciassem e pudessem aprovar, oferecendo esse título aqui ao Nilson Valdir Müller. Na hora que recebi a ideia já apresentei porque gostava da história. Não conhecia toda história do artista, mas das figurinhas, e apresentei. Fui a casa dele, conversamos, fui muito bem recebido pela família toda, o Projeto tramitou aqui e recebeu votação unânime nesta Casa, foi aprovado, e hoje estamos aqui. Falando um pouquinho da história do Nilson. Acho que vocês conhecem também. Aos 12 anos, ele conheceu o famoso pintor Guido Viaro e foi convidado a frequentar um espaço na Escola de Belas Artes, onde teve a oportunidade de estudar desenho e pintura. Então, dos 12 anos para cá, e depois não parou mais. Ele já está com mais de 30. De lá para cá, são mais de 65 anos criando arte, pintando telas, e dando vida a diversos personagens. Depois ele vai falar e vamos saber também desses personagens. Conhecido nacional e internacionalmente, já realizou trabalhos para grandes agências de publicidade, centenas de ilustrações para livros, quadrinhos, revistas, além de passar o seu conhecimento através de cursos e aulas. Podemos dizer claramente que é uma vida dedicada à arte. Mas, tem um personagem especial que fez e ainda faz muito sucesso, e acredito que todos conhecem, como falei no início, que é o palhaço Zequinha, que está aqui hoje - o boneco. Cadê o palhaço Zequinha? Ah, ele foi descansar. Não o colocaram aqui na Mesa também? Ele não pode sentar? Então, o palhaço Zequinha é antigo, tem quase 100 anos, e foi criado lá nos anos 20 pelos irmãos Sobania, para embalar balas. A versão atual, que surgiu nos anos 70, veio do talento das mãos do Sr. Nilson Müller, que está aqui ao meu lado. Em 1979, foi convidado para dar uma nova roupagem ao Zequinha. Está ali o Zequinha. Venha aqui,

Zequinha, participe aqui também junto com o artista, tem um lugar especial para você aqui. Ajude-o ali na escada.

SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS: Vamos fazer um incentivo também à artista que veste. Está aí o Zequinha! (Aplausos.) E traz água gelada para o Zequinha, porque deve estar quente ali dentro.

SR. PRESIDENTE (Deputado Douglas Fabrício): Disse que vai ficar um pouquinho conosco, depois já tem outros compromissos ali atrás. Então, depois ele sai. Fique à vontade, viu, Zequinha! Em 1979, ele foi convidado para dar uma nova roupagem ao Zequinha, a pedido do Governo do Paraná. Aqui a maioria não era nem nascida. Na época, criou-se uma campanha que incentivava a troca das figurinhas do Zequinha por notas fiscais. Eu já era nascido e lembro-me dessa época. Foi nessa época que conheci. Até o senhor lembra. Cerca de 200 milhões de figurinhas foram distribuídas e rodaram o Paraná inteiro, o que foi um sucesso, um grande sucesso e marcou gerações. Em 2021, em meio à pandemia, foi relançado o álbum de figurinhas do Zequinha e foi outro sucesso, tanto com os fãs antigos como da nova geração. A compra e a troca de figurinhas movimentaram as bancas em um período tão difícil. E aqui quero chamar atenção para economia, para o empreendedorismo. No momento da pandemia, vocês sabem, muitas empresas fechando, dificuldades de toda ordem e, ao relançar esse projeto, o novo Zequinha, as figurinhas, ele deu um ar e nova vida às bancas de revistas, de jornais, e quem me disse isso foi o Zé da Banca, que é um dos líderes aqui em Curitiba desse setor. Ele falou: *Para nós foi ótimo!* Ajudou muito a valorizá-los nas vendas, fez com que várias famílias pudessem ter inclusive sustento - por causa da nova iniciativa do Nilson Müller. Então, a minha fala é bem simples e curta, mas é de coração. Quero que o senhor receba este título que vamos entregar, hoje, como um artista paranaense que nos motivou muito. Ele hoje já está com 80 anos/85 anos?

SR. NILSON VALDIR MÜLLER: Vou fazer 82 daqui dois meses.

SR. PRESIDENTE (Deputado Douglas Fabrício): Então, vai fazer 82 anos daqui dois meses – imagine - e está aqui muito forte. Estive na casa dele, está

lá trabalhando desde cedo até à noite, mostrando para nós - que somos um pouco mais jovens - que temos que trabalhar mesmo, que temos que buscar ter uma vida de sucesso. E aí depende de cada um. Então, meus parabéns. É uma alegria muito grande. Quero agradecer muito as pessoas que vieram, todos vocês que vieram hoje aqui para prestigiar este momento. Temos aqui alguns que puderam participar conosco na Mesa, mas quero agradecer a todos que estão também aí na plateia, lotou a Casa. A Luciana que está aqui, a Luciana Casagrande Pereira, nossa Secretária Estadual de Cultura, uma pessoa também de muito trabalho e talento.

SR. NILSON VALDIR MÜLLER: A Embaixatriz da Ucrânia com a filha.

SR. PRESIDENTE (Deputado Douglas Fabrício): A Embaixatriz. Vou falar da Embaixatriz da Ucrânia, que ela vai falar depois. Também está aqui o Hélio Wirbiski, que é Secretário Estadual da área do esporte, faz um trabalho extraordinário. Assim como a Luciana na cultura, o Hélio no esporte, que são Secretários do nosso Governador Ratinho Júnior. O Herivelto Oliveira é Vereador em Curitiba, muito atuante, com ótimos projetos, e inclusive já ofereceu um título pela Capital. Já aprovou e já entregou um título lá para o Nilson. Não é isso? Exatamente. Também o Sr. Roberson Maurício Caldeira Nunes que está aqui, que é o Coordenador do Centro de Documentação da Casa da Memória, neste ato representando o Sr. Gabriel Serratto Paris, que é o Diretor do Patrimônio Cultural da Fundação Cultural de Curitiba. Temos também dois comunicadores, tem aqui o pessoal de mídia que quero agradecer todos, da *TV Assembleia*, da *TV Educativa*, das redes sociais, que tem aí um pessoal também trabalhando e mostrando o que está acontecendo agora. O senhor recebeu aqui umas visitas ilustres lá de Campo Mourão. Estão ali dois comunicadores, que é o Aldery Ribeiro e o Ricardo Borges. Eles têm uma atuação muito forte na comunicação em Campo Mourão, com a *TV Carajás*, e eles vieram para cá esta semana, ficaram sabendo da entrega do seu título e falaram: *Nós vamos participar ativamente*. E vieram para participar. (Aplausos.) Estão ali: Aldery Ribeiro e Ricardo Borges, que são da *TV Carajás*, e tem audiência muito grande na hora do programa deles - um faz o programa meio-dia, o outro faz o programa à noite. Mas, dando sequência, agora quero

também deixar um agradecimento muito grande a sua esposa, que está aqui, a Nilza, Nilza Maria; tem os filhos, que é a Nícia Regina e o marido Saulo, que estão aí também prestigiando; tem o filho Nilson Müller Filho e a nora, que é a Kátia. (Aplausos.) A Kátia eu vi também aí. Estão aí. Olha lá a Kátia. Mas, além dos filhos, a esposa, os genros e noras, tem também os netos, que são a grande alegria: o Andrew, o Adam e a Milena.

SR. NILSON VALDIR MÜLLER: E as namoradas dos netos.

SR. PRESIDENTE (Deputado Douglas Fabrício): Namoradas dos netos já?

SR. NILSON VALDIR MÜLLER: É, a Adrielly e a Ana Luíza.

SR. PRESIDENTE (Deputado Douglas Fabrício): A Adrielly e a Ana Luíza. (Aplausos.) Parabéns! Sejam bem-vindos. Muito bem. Cada neto desses depois vai discursar por um minuto ali. Muito bem. Muito obrigado mesmo, gente! Valtinho, vamos dar sequência aqui?

SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS: Isso, Deputado. Temos uma apresentação especialíssima agora das cotovias e rouxinóis do Coral Paraná. Uma salva de palmas, senhoras e senhores, ao Presidente da Sessão, nosso anfitrião, Deputado Douglas Fabrício. (Aplausos.)

(Apresentação musical.)

Coral Paraná, sob a regência neste momento do Maestro Jonatas Jesse Borges. Parabéns, Maestro Jonatas. Gralha Azul e Zequinha, não é, Deputado Douglas Fabrício, dois ícones da cultura paranaense. E devolvemos a palavra a V.Ex.^a, Deputado Douglas Fabrício.

SR. PRESIDENTE (Deputado Douglas Fabrício): Muito bem, Valtinho. Obrigado, viu! Eu e o Valtinho vamos tabelando no trabalho. Você viu, Nilson, quem chegou aqui? O Zé da Banca chegou lá! Tínhamos falado de você, Zé da Banca, um pouquinho antes de você chegar. (Aplausos.) E na sequência, agora, vamos ouvir algumas pessoas que prestigiam e com certeza valorizam muito este evento, e com as suas falas vão valorizar ainda muito mais.

Convidar para fazer uso da palavra o Sr. José Roberto Orquiza, que é publicitário e falará sobre a época em que o Sr. Nilson Müller trabalhou para a publicidade paranaense. Fique à vontade, Sr. José Roberto Orquiza, para usar da palavra.

SR. JOSÉ ROBERTO ORQUIZA: Nilson, vou falar do coração e da amizade que nos une. Preparei um texto e vou tomar a iniciativa de lê-lo, porque se formos falar pode roubar muito tempo. Vou contar três histórias. Era uma vez a piazisse, o prisma e o planetário. Piazisse é a qualidade de quem é menino – livre, solto, curioso, dono da vida, criança de ponta a ponta; prisma é a visão externa e interna de todos os lados, ângulos e realidade – uma é aparente, outra é a verdadeira; planetário é o sistema, órbita, inter-relações e força, é o alicerce, a sustentação, arquitetura. A piazisse tem a ver com a essência do piá Nilson Müller. Ele bebe da fonte da juventude e seu *blend* é puro e autêntico e, com toda a experiência, permanece criança. Essa é a diferença do Nilson. O prisma externo está aí demarcado pelo tempo, mas o prisma interno verdadeiro tem o pulso de um coração de ouro, com o ritmo e o dom da arte, com as cores da sensibilidade. O planetário tem a Nilza, tem a Nícia, tem o Nilson Filho - uma família extraordinariamente unida e forte. Esse é o planeta Nilson Muller, que é muito maior do que conseguimos perceber. É uma grande satisfação dirigir esta mensagem a você. Um grande abraço. (Aplausos.)

SR. PRESIDENTE (Deputado Douglas Fabrício): Muito obrigado, Sr. José Roberto Orquiza. Agora vou passar a palavra para o Sr. Antonio Eder, que falará sobre a volta do Zequinha e ilustrações, neste ato representando a classe de ilustradores e desenhistas de histórias em quadrinhos e animadores de Curitiba. O Sr. Antonio Eder tem a palavra.

SR. ANTONIO EDER: Obrigado. Senhores Deputados, família do Nilson Müller, público em geral e meu grande amigo Nilson, é uma honra estar aqui trazendo um “oi” dos quadrinistas de Curitiba, dos ilustradores de Curitiba e dos desenhistas de animação da cidade de Curitiba. Vou contar uma coisa que pouca gente sabe: o Nilson, além de ter trabalhado com o Zequinha, de ser pai do Zequinha também, ele é pai do super-herói da cidade, que é “O Gralha”. Há mais ou menos uns 20 anos, nós, piás desenhistas, jovens, lá na Gibiteca de

Curitiba, desenhando, o Nilson apareceu, começou a conversar conosco, trocamos ideias. Naquele bate papo animado, ele começou a trazer a sua experiência, começou a dividir a história de vida dele, a nos contar toda essa experiência que tinha como ilustrador já de sucesso, e ficamos maravilhados. Ele nos ajudou, com o talento dele, a projetar o personagem “O Gralha” nas publicações que vieram depois. Então, assim, o Zequinha é um dos grandes momentos culturais e visuais desta cidade, assim como “O Gralha” e tudo mais, e tem como pai o Nilson Müller. Ele nos ensinou, como ilustradores, a sermos respeitosos com os nossos clientes, a saber negociar, ou seja, ele sempre entregou de forma muito aberta como é ser profissional nesta área, de correr esse risco com a ilustração, com a animação, com as histórias em quadrinhos aqui de Curitiba. Da nossa parte, dos ilustradores, dos animadores, dos cartunistas e tudo mais, desejamos tudo de bom para você, Nilson. Muito obrigado. Somos eternamente gratos. E que venha muito Zequinha, muito álbum de figurinhas, venham filmes de animação do Zequinha, para o mundo todo ver isso e não só ficar aqui na nossa casa, Curitiba. Muito obrigado. (Aplausos.) (Apresentação Musical.)

SR. PRESIDENTE (Deputado Douglas Fabrício): Agora, vamos ouvir as palavras do Sr. Adolfo Sakaguti, arquiteto, que falará sobre o pioneirismo do trabalho do homenageado para as construtoras de Curitiba e do País.

SR. ADOLFO SAKAGUTI: Boa noite, autoridades já nominadas. Boa noite, convidados. Parabéns, Nilson. É um grande prazer estar aqui falando alguma coisa, um minuto de testemunho da nossa vida. Tivemos experiências juntos quando eu projetava alguns prédios e o Nilson deixava aquilo em 3D, que hoje é tudo feito em computadores. O 3D hoje é uma coisa muito rápida, mas o Nilson fazia aquilo na mão. E aquilo foi muito importante porque transformava o meu projeto, que era feito em linhas pretas, escritas em títulos de quarto, sala e tal, e ele fazia as imagens em 3D, que aquilo o pessoal da publicidade precisava da emoção. Então, ele transformava o meu projeto preto e branco em uma coisa emocionante, que as pessoas diziam: *Quero morar aqui*. Então, fizemos vários e vários trabalhos. Tive o prazer de conhecer o Nilson lá e jamais imaginaria que estaria aqui prestigiando este momento da vida dele. E

perceber que essa capacidade, essa simplicidade de desenhar - que parece tão simples, mas não é - é uma ciência complexa, é muito talento. Dizer que estou muito feliz de ver todos estes amigos, esta homenagem absolutamente merecida e, também, essa realização dessa família toda, que acho que é um grande patrimônio. Gostaria de realmente desejar que esse trabalho seja profícuo durante muitos e muitos anos ainda, para deixar toda a população de Curitiba alegre. Muito obrigado. (Aplausos.)

SR. PRESIDENTE (Deputado Douglas Fabrício): Muito obrigado, Sr. Adolfo. Ouviremos agora o Sr. João Luís Vieira Teixeira, fundador e CEO da empresa Sambay Express, que falará sobre a volta do Zequinha, grupos de trocas de figurinhas, bancas da cidade e o projeto Zequinha nas Escolas.

SR. JOÃO LUÍS VIEIRA TEIXEIRA: Boa noite. Obrigado pela palavra. Primeiramente, parabéns a esta Casa por esta brilhante e justíssima homenagem, que com certeza vai engrandecer o próprio título de Cidadão Benemérito do Paraná porque com certeza, como brinco, o mestre Nilson Müller merece e muito. Foi uma honra poder participar, ainda que modestamente, lá nos primórdios das primeiras conversas do retorno triunfal do Zequinha. Algo que estava quase adormecido na memória dos paranaenses, que merecia voltar, e voltou em grande estilo, novamente pelas habilidosas mãos do Sr. Nilson Müller, que fez um sucesso tremendo, teve um envolvimento muito grande. O Zequinha é muito bacana, dá bons exemplos, ensina boas práticas, tem toda uma questão de responsabilidade e gerou, realmente, como mencionado pelo próprio Deputado Douglas Fabrício, toda uma movimentação nas bancas que estavam em plena pandemia, sofrendo inclusive, até pela falta de jornais impressos, de revistas e de outros produtos. Então, foi um alento muito grande, porque era um personagem que realmente estava na memória afetiva das pessoas e voltou muito forte, de maneira muito pujante. As famílias também estavam já um pouco agoniadas de ficarem só em casa, em período de pandemia, sem muitas atividades entre pais e filhos, por exemplo, e puderam ter a graça de voltar a colecionar as figurinhas do Zequinha e completar os seus álbuns. Foi algo muito bacana. O Zequinha que também voltou depois ilustrando um gibi muito legal, contando a história e um

pouco da lenda da fundação de Curitiba, que foi distribuído para a criançada toda aqui da cidade. Então, foi um envolvimento muito legal, muito bacana. Mas, gostaria de fugir só um pouquinho aqui do tema sugerido, que já foi até mencionado aqui, sob o prisma do planetário também, que é uma curiosidade acerca do Sr. Nilson, que é uma coisa que me marcou muito. Além de toda a competência, humildade, simplicidade e a produção incansável dele, que, aliás, inclusive desenhou a própria personagem símbolo da nossa empresa, da Sambay Express, e continua produzindo. Mas, um detalhe que sempre me marcou muito foi essa questão do vínculo dele com a sua família, que o fez, inclusive, por duas ocasiões - talvez muitos artistas, muitos ilustradores, bastasse ter meia oportunidade dessas para embarcarem para fora do País - e por duas oportunidades ele recusou grandes oportunidades de trabalhar no exterior, em grandes empresas na área de gibis, de HQs, etc., porque ele se recusou a ter que viver longe da sua família, que, como muito bem mencionado, é o seu berço, o seu planetário. Então, acho que isso resume muito bem o perfil, o caráter e a bondade dessa pessoa sensacional que é o homenageado de hoje, Sr. Nilson Valdir Müller. Parabéns! Parabéns a todos. (Aplausos.)

SR. PRESIDENTE (Deputado Douglas Fabrício): Muito obrigado, Sr. João Luís Vieira Teixeira. Agora vamos convidar a Embaixatriz da Ucrânia, Sr.^a Fabiana Tronenko, que neste momento fará uma homenagem ao Sr. Nilson Müller por ter abraçado a comunidade frente à guerra na Ucrânia, fazendo o Zequinha especial para a passeata da OAB e ilustrando Zequinhas especiais para poemas que a comunidade criou sobre a guerra.

SR.^A FABIANA TRONENKO: Senhor Deputado, Sr. Secretário Helio Wirbiski, Sr.^a Secretária da Cultura, Dr.^a Luciana Casagrande, Vereador Herivelto, Dr. Nunes e meu querido amigo, Sr. Nilson. Queria agradecer muito, de todo o meu coração, à Sr.^a Nilza, ao Nilson Filho, à Nícia e à Kátia. Estou muito emocionada de estar aqui, Sr. Nilson, porque o senhor sabe da emoção que tenho no meu coração quando falo do Zequinha. Sinto-me muito honrada de estar aqui para fazer esta singela homenagem. Quero só explicar brevemente... Tenho cinco minutos, não é isso, Kátia? Não vou usar tudo isso! Só para dizer

brevemente o carinho que tenho com o palhaço Zequinha. A Embaixatriz tem este carinho pessoal porque faz parte da infância. Sou muito privilegiada, porque o Zequinha veio com uma mensagem muito educativa, educativa e assertiva para nós crianças, pois, através das figurinhas do Zequinha, elas nos permitiam conhecer a cidade de Curitiba. Através das figurinhas que colecionávamos íamos aguçando a nossa curiosidade, e proporcionando conhecimento de várias profissões e culturas, o que naquela época era algo muito avançado. Então, fico muito feliz com isso e digo que cada pacotinho aberto vinha acompanhado de um sorriso, um sorriso genuíno, um sorriso que vinha com muita alegria, sem contar as minhas mãos inchadas de tanto jogar bafo no intervalo da escola. Então, falar do Sr. Nilson é gratidão, porque através do seu desenho o senhor resgatou o Zequinha, porque ele foi criado nos anos 20 e o senhor, a partir do ano 79, o senhor resgatou e deu nova vida para ele, e isso faz parte da minha vida e de muitos curitibinhos - como gosta de denominar o nosso Prefeito Rafael Greca - e de nós adultos. A nossa memória afetiva, quando lembramos a infância, se temos uma lembrança especial, lembramos do Zequinha. E queria muito dizer que conseguir todas essas memórias e emoções na vida de uma criança, e ser responsável por essas memórias permanecerem e serem uma referência feliz na memória de uma pessoa adulta é um feito ímpar, e não é para qualquer um. Senhor Nilson, o senhor não é só um excelente artista e ilustrador, o senhor também faz parte do coração de cada um de nós, da maneira mais terna e genuína que uma criança pode ter. O seu legado não acaba por aí, pois, durante um período mais pesado e dolorido para mim, para minha família e para mais de 600 mil descendentes de ucranianos, aqui do Brasil e do Paraná, o senhor nos apoiou de uma forma muito linda, incansável. O senhor foi guerreiro junto conosco, o senhor esteve conosco nas passeatas, nas manifestações. Como o próprio Deputado mencionou, através das suas ilustrações, o senhor deu vida a um novo Zequinha: um Zequinha guerreiro, um Zequinha que luta pela paz. Pela primeira vez, vi o Zequinha chorando por ver o tamanho da brutalidade que essa guerra faz com o povo ucraniano. Quero agradecer muito, Sr. Nilson, muito mesmo, porque o senhor através de toda campanha e dos desenhos alusivos nos ajuda a lutar pela paz, e isso para nós é muito forte, para a comunidade ucraniana é muito significativo. Hoje temos o senhor como parte

da nossa comunidade; temos o senhor abraçado conosco, envolvendo o nome de tudo aquilo que pedimos no mundo, que é a paz. O senhor deixou registrado o seu carinho, a sua solidariedade e o seu apoio. Toda honraria, Dr. Nilson, destinado a sua pessoa será pequena diante de tanta grandeza e generosidade que o Zequinha e o Sr. Nilson Müller representam para toda a sociedade paranaense. Minha gratidão a toda a família, porque realmente a família do Zequinha é uma família forte, é uma família sólida. Aqui as pessoas só não mencionaram que o senhor, por causa da sua família, de não querer ficar longe dela, não foi para Marvel. Não me esqueci disso. Foi para nossa sorte. E a Marvel que fique com saudades. Muito obrigada, Dr. Nilson. Muito obrigada ao senhor por todas as emoções que o senhor proporcionou para uma criança, que veio de uma família humilde. Depois, fui descobrir já adulta que o senhor estava tão próximo da minha vida, que a sua família mora no mesmo bairro que eu, o mesmo bairro do nosso Secretário Hélio Wirbiski, no bairro Uberaba, do qual temos muito orgulho. Quero agradecer o senhor por tudo isso, por todas essas emoções que carrego hoje. Tenho muito orgulho de dizer que sou amiga do Sr. Nilson, da família dele e do querido Zequinha. (Aplausos.)

SR. PRESIDENTE (Deputado Douglas Fabrício): Muito obrigado à Embaixatriz da Ucrânia, Sr.^a Fabiana Tronenko. Com a palavra o nosso Vereador, Sr. Herivelto Oliveira, proponente do reconhecimento de vulto emérito ao Sr. Nilson Valdir Müller, na Câmara Municipal de Curitiba. Vossa Ex.^a pode usar esse microfone ou se quiser usar a tribuna também, junto com o Valtinho, lá, fique à vontade.

SR. HERIVELTO OLIVEIRA: Deixo a tribuna para mais tarde. Boa noite, Deputado Douglas Fabrício. Boa noite principalmente ao Sr. Nilson Müller, que homenageei no começo do ano passado ou do ano retrasado, na Câmara de Curitiba. Luciana Casagrande Pereira, Secretária de Cultura; Hélio Wirbiski, Secretário de Estado de Esporte; Sr. Roberson Caldeira Nunes, boa noite também. Em nome da Sr.^a Nilza, gostaria de saudar todas as pessoas da plateia. Vou fazer uma fala rápida. Quando o Zequinha foi lançado ou relançado no Paraná, talvez eu estivesse entrando na adolescência, devia ter

meus 14, 15 anos. Lembro-me que foi uma febre, todos queriam as figurinhas, como foi falado há pouco. Todos queriam disputar a figurinha no bafo. Existia uma figurinha, que era a figurinha 10, que ninguém tinha essa figurinha e, no final, faltava aquela para completar o álbum. Era um desafio você conseguir essa figurinha. Agora, no relançamento do Zequinha tem as figurinhas de sobra, não é, Sr. Nilson? É uma experiência muito legal revivermos. Conheci o Sr. Nilson Müller, antes de conhecê-lo pessoalmente, através dos personagens que ele criou, como, por exemplo, “O Gralha”. Fiz uma entrevista da criação de “O Gralha”, quando ainda fazia o *Paraná TV*. Então, o Nilson Müller esteve sempre me acompanhando, até que uns quatro ou cinco anos atrás, o conheci pessoalmente, me encantei pela história dele, pelos quadros fantásticos que ele pintou. Se vocês procurarem na Internet vão ver quadros maravilhosos. Um desenhista também fantástico a ponto de a Marvel querê-lo, mas não o tê-lo. Ele preferiu ficar conosco aqui. Então, gostaria só de parabenizá-lo, Sr. Nilson, por esse exemplo de vida que o senhor deu a várias gerações, a minha geração. Estou vendo ali o João Hercule, que foi um amigo meu de Colégio Estadual ainda, não é, João? E parabenizá-lo por essa sua trajetória. E que mais prêmios venham porque ele está só com 82 anos, Douglas. Então, acho que ainda tem espaço para novos prêmios, com certeza. Muito obrigado. Parabéns por essa premiação. (Aplausos.)

SR. PRESIDENTE (Deputado Douglas Fabrício): Obrigado ao nosso Vereador Herivelto Oliveira. Vou passar a palavra também para o nosso Secretário de Estado do Esporte, que é o nosso Hélio Wirbiski, que também foi Vereador de Curitiba por alguns mandatos, mas agora está como Secretário de Estado do Esporte do Paraná. Hélio, você tem a palavra.

SR. HÉLIO WIRBISKI: Boa noite a todos. Cumprimentar a nossa Embaixatriz Fabiana Tronenko, a nossa vizinha e amiga, em solidariedade ao povo ucraniano. Sofremos muito e continuamos sofrendo com essa barbárie que acontece no mundo, infelizmente, com pouca gente ainda reagindo e sendo solidária. O tempo acaba escondendo essa barbaridade que acontece lá. Então, a nossa solidariedade. Boa noite a todas as mulheres presentes aqui, em nome da Luciana Casagrande, nossa Secretária da Cultura. Cumprimentar

a família do Sr. Nilson, o Nilson Müller que está aqui, nosso vizinho, com a sua esposa, que agora é fotógrafo e aqui está trabalhando e trabalhando muito, a sua esposa, netos e filhos. Temos um orgulho muito grande. Quando o Paulo Mendes - que é um amigo também e que se foi neste ano, faleceu - nos levou a casa do Sr. Nilson e da sua família, que chego a dizer, Fabiana, que o Zequinha é do Uberaba, que é o bairro que representamos quando Vereador de Curitiba. Sugerimos que a família procurasse o Zé da Banca, que está aqui com a sua esposa, que chegou atrasado porque parou de trabalhar, agora, neste momento. Ele é representante do Sindicato dos Jornaleiros e dos Donos de Bancas de Revista. Claro, o Zequinha é uma figura que nos remete à infância a todos nós e fiquei muito feliz quando pude ajudar. A única exigência que fiz ao Sr. Nilson foi que ele me desse a figurinha número 10, em tamanho gigante, para colocar no meu quarto, porque sonhei com ela a minha vida inteira. Na verdade, já conhecia o Sr. Nilson e a família dele pelo Zequinha, pela ilustração que ele fazia. Então, ao parabenizar o Sr. Nilson, quero parabenizar a todos que trabalham nessa área, que trabalham com a área de criação, de cultura, na Gibiteca, enfim, toda a parte de criação, que realmente é uma área de empreendedores, de gente que cria e de gente que mostra um lado do mundo que precisa ser mostrado ainda mais. Devemos ter mais sensibilidade nesse sentido e cada vez apoiar mais essas iniciativas. Lembrar ao Deputado Douglas Fabrício que, quando falo de sensibilidade, Douglas, falo de uma homenagem que para o Sr. Nilson e para a sua família já acontecia. A vida já o reconheceu. E ele deixa um legado maravilhoso até então, de um grande cartunista, de um grande criador, que realmente preferiu ficar no Brasil, em homenagem e respeito a sua família e a todo o povo brasileiro. Então, só temos a agradecer muito ao Deputado Douglas pela sensibilidade de fazer a homenagem. Aliás, Vereador Herivelto, deixo aqui uma sugestão. Quando Vereador, representando aquela região Leste lá, fui procurado pelo pessoal da área de gastronomia e me pediram para transformar a carne de onça em patrimônio imaterial de Curitiba, porque até então não havia um prato típico reconhecido de Curitiba. Muita gente brincou com isso e disse: *Ora, mas para que perder tempo com isso?* Hoje a carne de onça é reconhecida mundial e internacionalmente, e temos o empreendedorismo todo em torno dessa criação. A Gazeta do Povo assumiu isso e hoje há um reconhecimento muito

grande nesse sentido. Então, deixo aqui a sugestão: por que não, Vereador Herivelto, reconhecemos o Zequinha como patrimônio imaterial de Curitiba? (Aplausos) O Zequinha é um personagem curitibano que tomou conta do Brasil, tomou conta do Paraná, principalmente nas campanhas que tínhamos. O Zequinha, pelas mãos do Sr. Nilson, voltou e voltou ainda mais forte. Esses dias conversei com o Zé da Banca que me disse: *Precisamos relançar o Zequinha, agora, 2023/2024.* O Zequinha movimentou na hora da pandemia toda uma economia e, principalmente, permitiu com que as crianças saíssem da frente do computador, da frente do celular, irem para os álbuns, irem para as praças, irem aos sábados lá para trabalhar na troca de figurinhas. Então, aqui me sinto honrado, emocionado, de poder estar ao lado de pessoa tão ilustre, que merece muito mais homenagens. Tenho certeza de que ainda está na fase da sua juventude na criação e muito vai oferecer ao Paraná, ao Brasil e ao mundo. Muito obrigado, Douglas Fabrício. Parabéns, Sr. Nilson Müller. (Aplausos.)

SR. PRESIDENTE (Deputado Douglas Fabrício): Obrigado, Hélio, pela palavra. Já viu que tem serviço para você, Herivelto! É uma ótima sugestão. Agora vamos ouvir a nossa Secretária de Estado, Luciana Casagrande Pereira, que é a Secretária de Estado da Cultura do Paraná. Depois vamos ouvir os netos.

SR.^ª LUCIANA CASAGRANDE PEREIRA: Boa noite a todos. Boa noite a todas. Cumprimento o nosso Deputado Douglas Fabrício, o Secretário Hélio, o Vereador Herivelto, o Sr. Roberson e, especialmente, o nosso Cidadão Benemérito do Paraná, o Sr. Nilson Valdir Müller. Vou falar bem rápido, porque aqui todo mundo falou que o Zequinha é curitibano. Quero falar que nasci em Cascavel e para mim o Zequinha é paranaense, ele não é só curitibano. Então, nasci em Cascavel e ele é paranaense. Quero contar que quando eu era criança morava em frente à Receita Estadual. Cumprimento a minha colega de trabalho, a Márcia do Vale, Diretora-Geral da Secretaria da Fazenda. No interior, nessa época, não era comum pedir nota fiscal. Então, a coisa que eu mais gostava de fazer, quando era pequena, era convencer meus pais a me levar para almoçar ou jantar fora para poder pedir nota fiscal. Os donos de

restaurante não gostavam quando viam crianças no restaurante: *Lá vem nota fiscal pedindo para o Zequinha*. Então, tenho uma memória afetiva muito grande de ficar da minha janela vendo as filas imensas em frente à Receita, e as pessoas saindo com os pacotinhos na mão. Recentemente, quando o Zequinha foi relançado - acompanho pelas redes sociais o Sr. Nilson Müller e o nosso Zequinha - sempre fiquei com uma dorzinha no coração, porque não o conhecia pessoalmente. Então, hoje, Deputado Douglas, muito obrigada pela oportunidade de estar aqui. Abracei o Zequinha, abracei o Sr. Nilson e senti a emoção dessa família unida. Isso vocês transmitem e é bonito de ver. Então, parabéns, muito obrigada pela oportunidade. Parabéns, Douglas, que é um Deputado que tem uma sensibilidade muito grande para a área cultural, é um grande parceiro nosso na Secretaria da Cultura. Viva o Zequinha! Viva o nosso genial Nilson Müller! Muito obrigada. (Aplausos.)

SR. PRESIDENTE (Deputado Douglas Fabrício): Obrigado à nossa Secretária Luciana. Agora ouviremos os netos do nosso homenageado. Vamos ver quem vai ser o primeiro. Ajude aqui, Nilson. É ele quem escolhe. É o Andrew que vai falar primeiro. (Aplausos.)

SR. ANDREW MÜLLER STENCEL: Boa noite. Sou o Andrew, neto do Nilson. Vovô, você é alguém muito importante na minha vida. Além de ser um profissional incrível, finalmente recebendo todo o reconhecimento que sempre mereceu e que sempre torci para que chegasse um dia como hoje, ainda é aquele cara que fico contente de dar um bom dia e tomar um cafezinho sempre que possível. O que é mais impressionante é que, independente de ser uma relação de avô com neto, não importa a idade, mas acredito que, principalmente quando fiquei mais velho, você sempre me tratou como um amigo. Se não fosse pela proximidade que tenho contigo, provavelmente, não teria desenvolvido tanto a minha veia artística, que de certa forma me ajudou muito a colocar as minhas ambições pessoais em algum rumo. Não estou nem falando de ter um professor particular ou coisa parecida, mas, sim, ter a maior inspiração que poderia desejar, embora tenha recebido, sim, uma dica aqui e ali. De verdade não tem como não admirar alguém assim, não somente muito gente boa com todo mundo e querido por todos que o conhecem, é alguém que

persistiu sem parar desde que entrou de cabeça no mundo. Seja no analógico ou no digital, você sempre se adaptou e parece que não enferrujou um dia, quando o assunto é entregar um excelente resultado. Claro, não sem uma dificuldade ou outra, principalmente quando precisou arrumar o computador que decidiu deixar de colaborar, mas faz parte. Enfim, sei que se passaram muitos anos em uma espécie de anonimato, mas, antes tarde do que nunca, é muito bom que mais pessoas fora do mundo artístico ou da família conheçam o nome Nilson Müller. Então, receber a homenagem enquanto ainda se está vivo não é para muitos e, com certeza, aprecio muito essa parte especificamente. Eu te amo, avô. (Aplausos.)

SR. PRESIDENTE (Deputado Douglas Fabrício): Muito bem! Valeu, Andrew! Agora, ajude-me aqui, é o outro. Quem é que vem? O Adam. (Aplausos.)

SR. ADAM MÜLLER STENCEL: Vou pegar o papelzinho. Boa noite a todos. Sou o Adam. O Nilson Müller, meu avô, é uma pessoa incrível. Já quero pedir desculpas, porque nunca fiz nada parecido com isto e estou um tanto quanto nervoso. Quando eu era criança, não comprehendia quão talentoso era o meu avô como artista, mas não só isso, ele também sempre foi um avô assim muito carinhoso e sempre gostei muito dele, como ele era comigo, expondo a mim e ao meu irmão a sua criatividade desde muitos novos. Por exemplo, quando éramos pequenos, ele gostava de contar histórias antes de dormirmos, com personagens que eram baseados na nossa família e coisas do tipo. Elas eram sempre recheadas com coisas malucas e muito humor. Na verdade, esse humor sempre o acompanhou durante a vida inteira. Quem já conversou com ele sabe que é um cara muito engraçado e muito bem humorado. Nossa, amo esse lado do meu avô. Sempre pensava: *Poxa, quando ficar mais velho quero ser que nem esse cara.* Falhei miseravelmente, mas tento. Ele sempre tratou todo mundo com muito carinho. Honestamente, sempre fui muito fascinado nele. Hoje em dia, não faço mais isso, mas quando era mais novo gostava só de sentar do lado dele enquanto ele pintava, só para poder ficar do lado dele, porque a companhia dele era muito boa. Não consigo pensar em palavras para descrever o quanto ele é importante para mim e do orgulho que sinto dele por estar, finalmente, sendo reconhecido por tanta gente, ter marcado a vida de

tantas pessoas e por ser a pessoa incrível que ele é. Então, só para finalizar, queria mostrar uma coisa: este quadrinho fui eu que pintei. Acho que tem uns 15 anos. Não dá para ver direito, mas é bom porque assim fica mais bonito de longe. Está escrito “Vovô”. Dei para o meu artista favorito, que é ele, quando eu era bem novinho. Tem todas as coisas que eu relacionava a ele, por exemplo, pincel, tinta, porque era o que o via fazendo. Tem até um relógio aqui que tinha no estúdio dele na época. É isso. Eu te amo, avô. (Aplausos.)

SR. PRESIDENTE (Deputado Douglas Fabrício): Valeu, Adam! Adam, mostre para a câmera. Aquela câmera ali filma bem, o teu quadrinho que você falou. Pode mostrar para a câmera ali. (Aplausos.) Valeu! Agora, quem é quem vem, Nilson? A netinha Milena. Olhem ela aí. Ela já veio no meu gabinete. (Aplausos.)

SR.^{TA} MILENA MÜLLER: Boa noite. Sou a Milena, a neta mais nova. Hoje estamos aqui para comemorar esta linda homenagem que está sendo feita para essa pessoa incrível que, além de artista, é um pai e avô maravilhoso. Vovô, tenho certeza de que hoje é um dia muito especial, tanto para você quanto para todo mundo que está aqui. Eu quero dizer que fico muito feliz que você esteja ganhando o reconhecimento que merece, por suas obras e por tudo que já fez. Desde que eu era pequena, você sempre foi um avô muito presente na minha vida, que brincava de boneca, desenhava, assistia desenho e conversava muito comigo. Algumas das melhores memórias da minha infância vieram desses momentos. Sempre levei suas pinturas e desenhos como uma forma de inspiração. Acho incrível a forma como você consegue dominar quase todas as técnicas, inclusive as digitais, o que é muito impressionante já que a maioria das pessoas que têm mais do que 50, pelo menos, não se dão tão bem quanto você com esses meios. Acho que, por volta dos meus sete anos, começamos a ter um momento, toda semana, em que você me dava uma espécie de aula, onde eu levava uma telinha pequena e você me ajudava a desenvolver algum desenho nela. Infelizmente, hoje em dia, não fazemos mais tanto isso, mas aprendi muito durante esses momentos como, por exemplo, a ter gosto por essas formas de expressão. É por sua causa que hoje em dia desenho tanto. Percebi por causa dessas aulinhas que

a arte para mim é uma forma de relaxar a mente, seja por meio de tocar algum instrumento ou do desenho mesmo. Quero agradecer muito você por essa influência tão positiva que teve e continua tendo na minha vida. Fico muito feliz e honrada em ter um avô como você, que sempre está aqui para me apoiar, em qualquer que seja a minha decisão, e que me ajudou a perceber que a arte é uma parte muito importante na vida das pessoas. Obrigada, avô. Eu te amo. (Aplausos.) (Apresentação musical.)

SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS: Deputado Douglas, com sua licença e permissão, agradecer e cumprimentar os cantores do Colégio Estadual do Paraná que estão conosco aqui desde o início, o Jonas, a Cristina, a Daniele, o Naldo e essa incrível Ana. E pedir mais uma salva de palmas, senhoras e senhores, a um dos maiores clássicos da música popular brasileira. (Aplausos.) Deputado Douglas Fabrício.

SR. PRESIDENTE (Deputado Douglas Fabrício): Preciso da sua ajuda, Valtinho, para que proceda à leitura dos termos do Título de Cidadania Benemérita do Estado do Paraná a ser conferido ao Sr. Nilson Valdir Müller, por gentileza.

SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS: A honra, a alegria e a satisfação, com sua licença e permissão, Deputado Douglas Fabrício, proponente desta belíssima homenagem. Senhoras e Senhores, amigos que nos acompanham pela TV Assembleia e rede sociais, o Título de Cidadania Benemérita a ser entregue contém os seguintes dizeres: *“República Federativa do Brasil. Estado do Paraná. Cidadania Benemérita do Paraná. Os Poderes Constituídos do Estado do Paraná, no uso de suas atribuições legais e de conformidade com a Lei n.º 21.128, de 4 de julho de 2022, conferem ao Sr. Nilson Valdir Müller o título de Cidadão Benemérito do Paraná, para o que mandaram expedir o presente diploma. Curitiba, 18 de abril de 2023.* Assinam: Carlos Massa Ratinho Júnior, Governador do Estado do Paraná; Deputado Ademar Luiz Traiano, Presidente da Assembleia Legislativa do Paraná; e Desembargador Luiz Fernando Tomasi Keppen, Presidente do Egrégio Tribunal de Justiça do Estado do Paraná. O Deputado Douglas Fabrício, que é o proponente, neste momento, acompanhado das autoridades que estão à Mesa de Honra, conferem e

entregam o diploma e o título de Cidadão Benemérito do Paraná ao nosso querido Nilson Valdir Müller, Senhoras e Senhores.

(Procede-se à entrega do Título de Cidadania Benemérita ao Sr. Nilson Valdir Müller.)

Vamos lá, mais uma vez? Só quem ama o Zequinha e o Nilson aplaude bastante. (Aplausos.) Agradecer e cumprimentar as senhoras e os senhores. Podem se acomodar, para devolvermos a palavra ao nosso anfitrião, proponente desta maravilhosa e belíssima homenagem, Deputado Estadual Douglas Fabrício.

SR. PRESIDENTE (Deputado Douglas Fabrício): Muito obrigado, Valtinho. Você é fera mesmo! Nada como ter profissional fazendo a coisa, não é, Vereador? Bom, da minha parte, agora é convidar o homenageado para usar da palavra. Então, vamos lá. Temos a satisfação de conceder a palavra ao mais novo Cidadão Benemérito do Estado do Paraná, Sr. Nilson Valdir Müller. O senhor pode usar a tribuna se quiser, fique à vontade. Lá fica mais perto do público, viu, Nilson? E o Zequinha já chegou lá. Chegou antes que o senhor.

SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS: O criador e a criatura. Enquanto ele vem à frente aqui, são 19h45, estamos nesta que é uma das Sessões mais memoráveis da Assembleia Legislativa do Paraná, proposta pelo Douglas Fabrício. Vamos aplaudir mais uma vez o nosso Nilson Müller? (Aplausos.)

SR. NILSON VALDIR MÜLLER: Antigamente tinha um programa de humor na televisão, tempo do preto e branco ainda, que tinha um personagem que chegava e dizia: *mata o véio*. É o que eu estou dizendo hoje: *mata o véio*. Bom, pessoal, hoje foi uma surpresa muito grande com as palavras dos meus amigos - do Orquiza, do Adolfo, do Antonio Eder -; dos meus netos; da Fabiana, a nossa Embaixatriz de um País que está sofrendo muito, como ela falou. Eu também me sinto como se fosse um membro da família ucraniana, de verdade. Meu neto Andrew me surpreendeu com as palavras dele, fiquei muito emocionado; o Adam, meu outro neto, também me deixou muito emocionado; a Milena, minha netinha mais nova, também me deixou muito emocionado. Eu

não sei nem como agradecer tantas palavras bonitas que tocaram tanto no meu coração. Ia começar outro tipo de agradecimento; ia dizer que, antes de tudo, agradeço a Deus por este momento. Eu estava esquecendo o João, o João Teixeira, que também foi um orador que me pegou no grugumilo de emoção. Esse cara é dez. Graças a ele, o Zequinha começou a andar de novo - e agradeço isso. Agradeço muito a proposição do Deputado Douglas Fabrício; o Deputado Ademar Luiz Traiano, Presidente da Casa; e todos os Deputados que, de uma forma meio incrível, por unanimidade, toparam dar esse alento. Um alento para um cara que pensou que, como vou dizer, que o sol já estava se pondo e, agora, estou vendo que esse brilho vem, digamos, em um momento da vida muito bacana, graças a essa amizade. Eu quero agradecer também o Herivelto pelas palavras; e o nosso companheiro do lado ali, que me deu um branco agora, esqueci o nome dele, me desculpe, me deu um branco total agora. Ah, o Helio Wirbiski. Poxa, desculpe, desculpe. Mas, isso acontece por causa da emoção, porque houve uma oportunidade que chamei um amigo Vereador de Senador. Acho que ele não ficou chateado por isso, não é? Agradeço também... Deu outro branco agora. Que vergonha! Ah, meu Deus do céu, Roberson. Desculpe. Obrigado, obrigado, obrigado. A Luciana, Secretária de Estado de Cultura. Essa cola deveria ter ficado colada na minha cabeça, mas não consegui. Desculpe, acho que a emoção também acaba dando branco total. Já não lembro muito das coisas, imagina em uma situação como essa. Esses agradecimentos são muito menos do que gostaria de fazer; gostaria de agradecer muito mais. Por falar em agradecimento também, quero agradecer a minha família; a minha esposa Nilza, que tem me dado apoio, está lá todo dia ao meu lado. Quando começamos a desanimar, ela vem lá, dá mais um empurrão no espírito da gente e a coisa volta a funcionar. O meu filho Nilson e a Kátia, principalmente, que fizeram um trabalho de divulgação enorme, que hoje ainda ela disse: *Não, mas esse negócio é porque o senhor tem plantado.* Como eu disse: *Mas quem plantou não fui eu só, teve muita gente plantando.* E graças a todo esse pessoal plantando que nasceu uma figurinha, renasceu uma figurinha, e que também estou agradecendo, porque essa figurinha, que é o Zequinha, me trouxe pela mão até este momento aqui. Quero agradecer a todos vocês, meus amigos. Quero agradecer minha filha, a Nízia, o esposo dela Saulo, que cuidam dos outros trâmites que não

conseguimos; esses meus netos, também, que estão me dando muita alegria. Até não sei mais para quem agradecer. Mas independente disso, quero agradecer para esses meus amigos todos que vieram prestigiar. Quando o cara é assim como eu acontece isso - fica falando fora do microfone e daí... (Aplausos.) É que não estou acostumado com isso. Mas, repetindo, esse agradecimento sincero. Ah, tem um cara também que está dando um reforço no nosso amigo Zequinha, que tem uma banquinha nas atitudes, na caixinha de atitude. Está ali o nosso amigo Oliva e a esposa dele, que o acompanha sempre na banca lá, dando apoio. Tem o Zequinha aqui, que na verdade tem uma identidade secreta. Não sei se posso revelar? Não, não posso revelar. Então, não vou revelar. Mas, tudo bem. Olha, poderia ficar agradecendo a noite inteira aí, mas me mandaram escrever um discurso e vou ter que ler. Quando disse que o Zequinha me trouxe pela mão, significou que ele foi uma figura popular que faz parte da história de quase todos os paranaenses. O Deputado Douglas Fabrício já mais ou menos contou, digamos assim, o que aconteceu. Então, vou pular essa parte, porque repetir não é interessante, não é? Na verdade, como ficou mais ou menos explícito aqui, sempre tive o maior orgulho de ser paranaense e de ter nascido em Curitiba. Como já foi dito, tive oportunidade de sair, inclusive até fora de Curitiba. Quase fui trabalhar em São Paulo, mas não quis. E disse: *Vou voltar para Curitiba*. Então, em 2021 é que aconteceu de fazermos um novo álbum, com novas figurinhas, porque diferentes daquelas que foram feitas no primeiro álbum, foram feitas 208 figurinhas, sendo que oito seriam quase que um convite para o próximo álbum - que vai acontecer, porque já estou trabalhando nele e deve sair acredito que mais para o ano que vem, talvez, com sorte. Segundo a vontade do Zé da Banca logo, mas é que tem muito trabalho na frente. Eu estou com algumas coisas na mesa lá que estão me deixando maluco, mas tudo bem. Olha, então, aconteceu muita coisa com esse lançamento do álbum. Vou ler porque senão vou esquecer alguma coisa, e não é bom. Olha, ouvimos muitos depoimentos, inclusive famílias que passaram a se reunir, a colar e trocar figurinhas - isso já foi dito, mas estou repetindo - que passaram a conversar, que estavam entrando em depressão provocada pela pandemia. E ouvi muitas e lindas histórias em vários encontros que tivemos com colecionadores e amigos do Zequinha, inclusive uma criança com autismo severo, que aprendeu a contar

por causa dos números das figurinhas, e a reconhecer lugares da cidade que estavam nessas figurinhas. Sua mãe nos contou isso com lágrimas de felicidade nos olhos. Os pais e avós, que eram crianças na época, acabaram se tornando colecionadores e passaram isso para os filhos, muitos passaram a conhecer melhor a cidade, o estado, e até ter contato com coisas antes ignoradas. Na verdade essa mãe, essa do filho com autismo, aconteceu em um café que fomos lá convidados pelo James, nosso amigo ali, a fazer um encontro lá com a criançada no *Café La Rauxa*. Olha, vou contar um pouco da história da minha vida para vocês terem uma ideia como funcionou desde que eu era pequeno. Eu gostava de desenhar desde criança. Aos 13 anos de idade, tive o meu primeiro contato com aquele que seria o meu primeiro destino, meu primeiro não, meu definitivo. Fui a uma pequena agência de propaganda, pequena mesmo, que antigamente não existia esse esquema que hoje existe, com tanta responsabilidade, era quase uma picaretagem, mas eram pessoas que tinham vontade e conheciam o negócio. Essa pequena agência se chamava Propaex, de um cidadão chamado Itané Leão, antes ele era funcionário do Móveis Cimo e fazia propaganda do Móveis Cimo, daí ele abriu essa agência. Mas eu ficava lá só para olhar. Fui convidado por um primo, que era um dos donos da Gravartex, uma firma que fazia clichê, que hoje em dia quase ninguém usa mais, mas ainda existe. Daí lá ele conseguiu para eu ficar olhando o pessoal trabalhar. E ali eu vi como era feito um layout. O layout é aquele desenho que você faz para vender o anúncio para o cliente, e como era feita uma arte final, a montagem das letras, o desenho dos títulos. Como usava as fotografias nos anúncios, tinha que contatar o fotógrafo e tinha muitas coisas que, às vezes, não conseguia com fotografia, era feito o desenho, eram as artes. Então, eu via os caras fazendo. O Nilo, que foi um desenhista, ficava bobo o vendo desenhar geladeira, desenhar fogão. Como ainda não fazia aquelas coisas, tentava absorver como eles faziam, porque quando chegava em casa ficava na prancheta desenhando, copiando figurinha de história em quadrinhos. Passava à noite desenhando, mesmo quando era piá pequeno. Eu tinha uma prancheta no meu quarto e chegava a dormir sentado na prancheta, de ficar desenhando, desenhando à noite inteira. Então, a minha escola básica foi isso, porque mesmo quando era criança tinha perto de casa a Casa Alfredo Andersen - eu morava na Duque de Caxias e ficava na Mateus Leme, ficava na

mesma quadra. Um dia vi um quadro, um retrato na sacada e fiquei maluco, pensei: *Que coisa mais linda!* Depois, tomei coragem e fui lá para ver como é que faziam isso. Deveria ter uns 14, 15 anos, por aí. Quatorze anos. Fui lá e perguntei: *Escute! Como é? Dão aula?* Naquela época, na Casa de Alfredo Andersen juntava um pessoal que ficava desenhando lá, era o Thorsten Andersen. O Thorsten Andersen é filho do Alfredo Andersen, pai da pintura paranaense. Ele só orientava. Um ficava desenhando a cara do outro, ficava desenhando vasos de flores. A experiência anterior que tive nesse negócio é que, quando eu era criança, ia à Biblioteca Pública, que tinham aulinhas de pintura. Na verdade, não eram aulinhas de pintura, a criançada ficava pintando com tinta de cola em papel, a criançada ia toda lá - e era orientado pelo Guido Viaro. Nessa época, já tivemos certa amizade, vou dizer assim, porque ele me chamava de *menino do elefante*, porque um dia tentei pintar um Tarzan sentado em cima de um elefante, isso eu deveria ter uns 10, 11 anos. Só que ele não viu o Tarzan, só viu o elefante. Daí ele dizia: *Você é o menino do elefante.* O que mais tarde acabou se transformando em uma amizade mesmo quando fui maiorzinho. Ele dizia: *Chega lá na escola e fica desenhando, pintando com o pessoal.* E conheci pessoas que hoje em dia acabaram sendo bons artistas, grandes artistas, como o Walton Wysocki. Durante um tempo ele foi muito conhecido, agora ele está meio... Ele abriu uma galeria de arte e nunca mais consegui falar com ele. Tínhamos o círculo de artes plásticas, depois, lá na Biblioteca Pública, onde ficávamos desenhando uns velhinhos do abrigo dos velhos. Então, nas segundas e quartas-feiras ficávamos desenhando os velhinhos; e terças e quintas o negócio era mais pesado um pouco, vinha uma moça lá, e era nu artístico. Ela tinha um corpo escultural, uma barriguinha mais ou menos, mas para desenhar estava bom. Foi uma experiência interessante. E lá conheci o Bianco, que não tinha professor lá, um ensinava o outro. Esse Bianco me ensinou uma coisa muito importante que depois se transformou - tive escola, dava aula de desenho - e ele me ensinou uma coisa extremamente importante: você tem que aprender a observar. É um negócio muito louco que quase poucas pessoas usam. Não vou dar aula de desenho aqui, podem ficar tranquilos, mas ele ensinou a ver quando a linha é vertical, quando é horizontal, quando é inclinada, etc. e tal. Isso não era a sala de aula. Ele chegava: *a coisa é assim, é assado.* Eu sei que estou fazendo

meio uma salada de história, coisas que aconteceram antes, outras que aconteceram depois, mas tudo isso fez parte da formação da gente. Pois é, daí, de repente, um amigo que conheci sabia fazer cartazes, ele aprendeu na Mappin em São Paulo. Eu já tinha uns 15 anos, mais ou menos, ele chegou e disse assim: *Escute, estou querendo...* Ele voltou de São Paulo, que ele estava trabalhando na Mappin e falou: *Quero vender meus cartazes, e queria que você fosse à Âncora Comercial e dissesse que você que está fazendo, porque se eu for lá eles me botam para fora!* Ele andou fazendo besteira lá. *Então, você tenta vender cartaz e diz que foi você que fez, para faturarmos um dinheirinho. Vai lá, pode ficar tranquilo. Não diga que fui eu. Não fala meu nome, senão estamos lascados, daí os caras te põem para fora.* Eu disse: *Está bom.* Fui lá com os cartazes, por sinal, muito bonitos. Cheguei lá, falei com o gerente da loja. A Âncora Comercial, na época, era uma loja de departamento, que nem a Hermes Macedo, depois trabalhei lá também. Era que nem a Casas Bahia. Vendia geladeira, vendia fogão, vendia prato, vendia talhares, vendia copo, era a Loja Americanas ali, sei lá. Daí o gerente falou: *Puxa, você quer trabalhar conosco.* Eu disse: *Não, eu faço esses cartazes em casa. Vocês encomendam e trago aqui e vocês põem se quiserem, se quiserem comprar.* *Não, quero que você venha trabalhar conosco. Não, não posso. Eu estudo à tarde.* Na época, estudava à tarde. *Mas, então trabalha meio expediente.* Eu disse: *Não, não quero. Trabalha só de manhã. Não, não. Ah, não você vai lá.* Levaram-me lá para a direção da Âncora. Eu não sabia o que fazer, totalmente idiota, como sou até hoje. Levaram lá para cima. O nome dele é Alcindo Fanaya, que depois ficou diretor do banco não sei das quantas aqui, quando fechou. A Âncora Comercial virou Ford depois, foi quando saí. Saí de lá contratado, mas não sabia fazer nada. Cheguei para o cara, o nome dele era Ville: *Oh, Ville, os caras querem que eu fique trabalhando lá e não sei fazer esses cartazes.* O cara ficou louco da vida comigo e disse assim: *Olha, vou fazer uma coisa para você que não deveria fazer. Vou deixar os cartazes com você. Você veja como foi feito. Você tem guache, tem papel. Aprenda com esses cartazes e, amanhã, pego esses cartazes com você.* Caramba! Levei os cartazes para casa vermelho que nem um peru. Meu pai tinha uma mercearia. Peguei papel de embrulho, levei para a minha prancheta que tinha lá em cima; eu tinha guache que tinha comprado há muitos anos e nunca tinha usado; tinha

pincel também. Bom, comecei a treinar aquelas letras. Passei a noite inteira treinando. De manhã, às 8 horas da manhã, estava lá na Âncora Comercial já com um monte de cartazes para fazer e consegui fazer todos os cartazes do jeito que o cara tinha feito. Acredito que essa é a parte do tal dom que Deus nos deu, porque consegui aprender a fazer essas coisas em uma noite e passei a trabalhar já profissionalmente com isso. (Aplausos). Obrigado. Bom, tinha que fazer também anúncio para jornal, mas como já tinha visto os caras fazerem, quando era piá, sabia como fazer. Como aquelas noites desenhando quadrinhos me ensinaram, aprendi trabalhar com pena, com nanquim, com tiras, régua, esquadro, essas coisas. O que aconteceu? Comecei a ser uma espécie de chefe de propaganda. Eu fazia anúncio, fazia cartaz, arrumava vitrine. Trabalhei lá durante um ano e pouco até a Âncora Comercial se transformar em Agência Ford. Eles queriam que continuasse trabalhando lá, mas eu disse: *Não sei vender camionete*. Pedi demissão. Um amigo meu viu um anúncio no jornal da Hermes Macedo, que era uma loja grande de departamentos, procurando alguém para trabalhar no departamento de decoração, para fazer cartazes e vitrines. Esse amigo o nome dele era Johnny. Ele chegou para mim: *Vai lá*. Falei: *Sabe o quê? Eu vou*. Peguei o ônibus fui lá, tinha mais ou menos uns 16 anos, 16 para 17 anos - não lembro mesmo - fiz o primeiro teste e já fui aprovado, que já estava acostumado a fazer essas coisas. Bom, acabei trabalhando lá por três anos. E, depois de um ano que estava trabalhando lá, estava passando na Galeria Tijucas, no centro, no final de semana, encontrei um amigo: *Oh, como está você? Está tudo bem. Há quanto tempo! O que você está fazendo? Entrei aqui, abriu a televisão Canal 12 aqui em cima – 20.º andar do Edifício Tijucas* - e eles estavam precisando de cenógrafo, porque estavam começando. Fazia dias que tinha inaugurado. Você não tem interesse? Sei que você gosta de desenhar. Pensei: *Sabe o quê? Gostaria de fazer, sim*. Bom, adivinhe. Acabei virando um pioneiro. Primeiro cenógrafo da televisão do Paraná, no Canal 12. Foi a coisa mais engraçada. (Aplausos.) Pois é, pessoal, daí essas coisas foram acontecendo, porque acabamos fazendo muita amizade com o pessoal. Pessoal de teatro, principalmente, porque o teatro, a televisão e o rádio eram tudo uma grande família. Ali fizemos amizades. Conheci o Ari Fontoura, tomamos cerveja juntos, coisas assim. Até me embananei. Vou ler um pouquinho. Olha, eu pintava. Tive

prêmio no Salão Paranaense de Novos, na Biblioteca Pública - isso tudo mais ou menos naquela época ou um pouquinho antes -; no Salão Paranaense do Clube Concórdia também tive uma menção honrosa; e no Salão do Santa Mônica Clube de Campo. Então, *assoviava e chupava cana*. Pintava quadro, fazia vitrine, fazia cartaz, etc. e tal. Acho que todas essas coisas... Como não existia muito essa profissão aqui, eram poucas pessoas que faziam, muito poucas de verdade, acabei sendo, digamos assim, um dos poucos que faziam isso. Depois da Hermes Macedo, fui trabalhar na Casa Nickel, também na mesma função, e lá conheci o Dr. Norberto Castilho que abriu a agência, a Equipe Propaganda. Ele estava saindo da McCann Erickson de São Paulo, vindo para cá, porque ele trabalhou lá e queria abrir uma agência de verdade, em Curitiba, e trouxe com ele um cliente que se chamava Farmácia Minerva, que era da McCann Erickson, e foi a primeira conta dele. Tive, digamos assim, a oportunidade de ter feito o trabalho dos primeiros anúncios, da primeira conta na agência de propaganda, da primeira agência grande de propaganda de Curitiba. E essa campanha das Farmácias Minerva tinha alguns cartazes que tinham ilustração. Eu tinha uma sobrinha que se chamava Cassimara que foi modelo, ela era criança, desenhei uma menina tomando remédio, que foi o primeiro anúncio da Farmácia Minerva. E, a partir daí, começamos a fazer desde o layout do anúncio, fazer a arte final do anúncio, ilustração para o anúncio. Fazer a arte final consistia em fazer letra, letreiro, desenhar títulos, porque não existia fotoletra, passou a existir depois. O texto era feito em tipografia. Iámos à tipografia, ficávamos junto com o tipógrafo lá montando o texto, ele fazia uma provinha, levávamos. Às vezes, vinha com erro, daí você tinha que pegar e cortar uma letrinha, e colar nos lugares que estavam errados. É essa coisa que se chamava pestape, uma técnica de trabalho que todas as agências de propaganda usaram durante muitos anos, até surgir a fotoletra, a composição eletrônica. Hoje em dia, aquele trabalho todo que uma equipe grande fazia qualquer um no computador faz sozinho tudo. Pois é, escrevi 10 páginas. Acho que é muita coisa, mas tudo bem. Olha, podia falar o nome de alguns amigos que fiz na época que era artista paranaense, que pintava. Nossa grupo de amigos era, por exemplo, o Luiz Carlos de Andrade Lima, o Renê Bittencourt, João Osório Brzezinski, Juarez Machado, essa cambadinha toda. Éramos tudo uma cambadinha só. Daí o Governo do Estado patrocinou uma

viagem nossa para a Bienal de São Paulo, parece que a 4.^a ou 5.^a Bienal, não me lembro mais. Fomos de trem a primeira vez, ficamos um dia e uma noite viajando para chegar em São Paulo, conhecemos outros artistas muito bacanas, e eu tinha 16 anos na época. Pois é, no canal 12, conheci e fiz amigos bons: o Elon Garcia; o Jamur Júnior; o Renato Mazânek; o Romualdo Ousaluk, que era o diretor; o Flávio Menghini; a Meire Nogueira; o Alcides Vasconcellos, o Vasco; o Tuti, que era o maquinista; o Clemente Chen Wu, que acabou até sendo nosso padrinho de casamento depois; o Abílio; o Sinval Martins; o Maurício Távora; o Ari Fontoura; o Odelair Rodrigues e muita gente. Não quero, digamos assim, perder muito tempo conversando, mas vou falar então só de como começou o Zequinha. Como fazia trabalho para todas as agências de propaganda - três agências, na época, entraram na licitação. Várias agências entraram. Como fazia serviços para essas agências, elas me pediram para fazer estudo de campanha para o lançamento do Zequinha, que o Governo estava fazendo a tal da licitação. Eu fiz trabalho para essas três agências. Uma delas ganhou a licitação, que foi a PAZ. E daí começou aquilo que acabou nos trazendo até aqui. Tivemos que fazer as 200 figurinhas, que naquela época não tinha *Google*, não tinha nada disso. Então, as referências que tínhamos eram nas enciclopédias, que eu tinha um monte de enciclopédias, revistas. Tinha lugares que você tinha que sair, ir lá e tirar fotografia; jornais, um monte de coisas assim. Conseguimos fazer as duzentas figurinhas, que eram feitas tudo a nanquim. Por causa de um problema de reprodução depois na impressão, tínhamos que fazer o desenho em uma face do papel. Acho que o Orquiza deve lembrar bem isso. Não é, Orquiza? Tínhamos que pintar a cor no verso, porque se eles fotografassem as quatro cores em uma paulada só na hora de imprimir todas as outras cores vinham com o traço principal, daí vira um borrão e quase ninguém ia entender as fotografias. A impressão era feita com máquina rotativa de alta velocidade e quando saísse do registro, quando as cores saem do lugar, porque são quatro cores - preto, magenta, cião e o amarelo – e para essas cores não brigarem com o preto, que era o desenho principal, tinha que ser feito dessa forma. Então, foi uma experiência muito boa, embora, naquela época, não tinha nem meu filho, nem minha nora para dizer quem é que tinha feito o negócio, e as agências não contavam. Então, pegamos, digamos assim, uma época mais

difícil tecnicamente falando. Tenho anotado no meu currículo trabalho para a McCann Erickson, para alguns clientes lá, aqui de Curitiba tinha uma filial aqui. Até depois me convidaram para ir para São Paulo para trabalhar na McCann Erickson, mas não quis. Na McCann Erickson atendíamos a Matte Leão, a Ultralar, a Brenolar e muitos outros. Lá conheci o Osmar Mendes, que era o diretor; o Eurico Budola; o Carlinhos; a Ana. Era um time de ouro que dava apoio à estrutura lá. Tinha gestão da propaganda que também tinha filial aqui, atendia a Tigre e outras coisas mais; atendi diretamente a Sperry New Holland, orientado pelo Edvan Calvello, um amigo nosso, que acabou virando um grande amigo. Cheguei a fazer lá a ilustração da colheitadeira, que é aquela máquina enorme. Para poder fazer o desenho daquela colheitadeira - era para fazer um Raio X, era para mostrá-la em transparência mostrando como funcionava - tive que entrar dentro da máquina, tirar fotografia, fazer umas anotações, conhecer todas as peças, descobrir como funcionava aquela coisa para conseguir, finalmente, fazer o tal do desenho do Raio X. Depois fiz mais, durante mais três lançamentos da New Holland, porque cada dois anos eles lançavam um modelo novo, e eu fazia. Naquela época era tudo feito na munheca, não tinha tecnologia para isso. Hoje é tudo feito no computador. Depois, a New Holland acabou sendo vendida para a Ford e até acabei fazendo alguns trabalhos para a Ford tratores. E tem um amigo muito especial que foi muito importante em minha vida, que era o Manoel Rosenmann. Ele tinha a M Rosenmann Joalheiros. Amigo nosso, não é, Orquiza? Aí foi uma história à parte. O Manoel e eu ficamos amigos quando ele ainda era da Malharia Curitibana. Eu desenhava camisa, vestido, essas coisas, folhetinho de propaganda para a malharia. Mais tarde, ele, o irmão dele e a esposa dele, o Max Rosenmann e a Maria Cecília de Leão Rosenmann que, na época, quando conheci, ele ainda não era casado com ela, abriram a M. Rosenmann Joalheiros. Foi aí que começamos a fazer desenho de joias também. Desenhamos peças como cinzeiros, etc. e tal, com a grife da M. Rosenmann. Chegamos a fazer modelos de relógios que ele tinha um parceiro dele que era da Suíça. Ele vinha para cá, fazia os relógios e o designer dos relógios era eu que fazia. E a esposa dele tinha a Maria Chica que era uma loja de moda para criança. Fomos parceiros em muita coisa, até o dia em que ele morreu. O Orquiza acompanhou esse processo. O Orquiza fazia publicidade e depois, na

agência, junto com o Renato Mazânek, faziam a publicidade dele e também eram muito ligados com ele. Fiquei totalmente arrasado no dia em que ele morreu, porque ele era quase como um irmão para mim, de verdade, era mais do que um irmão para mim, um cara fora de série. No Supermercado Jumbo criei um elefantezinho, um super-herói, o *Super Jumbinha*, que era para ser uma história em quadrinhos e acabou virando um programa infantil no Canal 12, um programa de auditório, que na época fez bastante sucesso. Só que minha única contribuição foi ter feito o desenho do elefante, criei o elefante, mas não houve retorno de forma nenhuma, mas tudo bem, foi legal. Ah, fiz calendário para a Vidraçaria Estrela que, inclusive, acabou fornecendo os vidros para a casa que construí depois. Foi um negócio muito legal. Fizemos uma revista ilustrada em quadrinhos contando a história da lenda das Cataratas do Iguaçu para a empresa da CR Almeida. Eles que cuidavam da parte, digamos assim, das Cataratas, acho que a parte turística das Cataratas, eles tinham um ramo da empresa que cuidava disso. Fiz um calendário para a Volvo que acabou sendo premiado, teve um prêmio internacional. E só descobri que tinha sido premiado depois, lendo no jornal, porque a agência não me falou. Então, era o tal problema: éramos totalmente anônimos. Fiz trabalho para muitas agências de propaganda na época: para a OpusMúltipla, para a Clan, para Standart, para a Editora Abril, Três Marias Clube de Campo, Tigre, Caloi, Bamerindus, Country Club, Clube Curitibano. No Clube Curitibano eu fazia álbuns de debutantes, os convites. Teve um daqueles convites que era uma espécie de livrinho, que tinha a capa, que eu fazia a capa e tinha as fotografias de todas as debutantes. E de um dos anos fiz desenho de todas as debutantes. Fiz desenho a guache de todas as debutantes que faziam parte do livrinho daquele ano. Quando tinha o Shopping Pinhais, que hoje não existe mais, até rimou, fazia decoração lá do parque infantil: boliche, setor de entretenimento. E até algumas lojas cheguei a fazer da parte de cima, subindo em cima de estrutura daqueles trechos de construção, assim, um medo danado de cair, ficava pintando figurinha lá em cima, quase caía. Daí muitos trabalhos que fiz para fora do Brasil foi através de agência de propaganda e tive um contato pessoal com a Marvel através de Joe Kubert, que infelizmente já faleceu, que foi uma grande perda para o mundo dos quadrinhos. Outro que conheci pessoalmente, inclusive na casa do Manoel Rosenmann, foi o Maurício

de Souza. Até me fuçou para ver se não tinha interesse, de repente, de ir lá trabalhar com ele, mas não quis porque cebolinha, esses trecos... Cebolinha é bom como tempero, não é? Não chegava a ser aquilo que queria. Mas daí, como estava indo para os Estados Unidos, a convite de um amigo nosso, que estava fazendo um trabalho para fazer uma clínica de saúde, daí o Maurício falou o seguinte: *Olha, você vai pra lá? Então, você fala com esses dois caras: com Joe Kubert e...* Como é que era o nome do cara do santo lá que esqueci agora? O que desenhava o santo? Will Eisner. Ele dizia assim: *Você vai falar com o Will Eisner.* Ele me deu o telefone do cara e me deu o telefone do Joe Kubert. Mas, quando chegamos à Flórida, tinha havido um furacão e as linhas telefônicas estavam todas bichadas, não conseguia falar com ele. E ele morava em Boca Raton, que ficava um pouco ao Norte. Não consegui falar com ele e fui conhecer o Joe Kubert, que mais tarde me apresentou na Marvel, que daí teve aquela história que já foi mencionada aqui. Então, já falei demais. Já está todo mundo cansado, acho. Só queria terminar, agradecer mais uma vez a presença de todos vocês e desculpar por ter que aguentar tanto papo furado. Agradecer ao Deputado Douglas Fabrício, o Ademar Luiz Traiano e todo o time de Deputados que compõem a Casa pela honraria. Hoje é um dia que parece que estou trabalhando em uma peça de teatro ou coisa parecida, que isso aqui não sou eu. Mas, queria me despedir agradecendo do fundo do coração a todos vocês, ao coral, aos amigos. A esse coral aqui de cima, um coral fantástico, palmas para eles. (Aplausos.) O Coral do Colégio Estadual também, fantástico. (Aplausos.) Foi maravilhoso! E o pessoal da banca. (Aplausos.) A minha família, meus amigos, tudo. E vou cair fora daqui porque estou falando demais. (Aplausos.) (Apresentação musical.)

SR. PRESIDENTE (Deputado Douglas Fabrício): Quero muito agradecer ao Coral Paraná, sob a regência do Maestro Ricardo Batista. É isso? Muito obrigado, muito obrigado mesmo de coração pela presença, que nos abrilhantaram com o trabalho de vocês nesta noite. Quero agradecer também a presença das autoridades que foram aqui citadas, dos familiares e amigos do nosso homenageado, dos cantores do Colégio Estadual do Paraná, que é a Anna Lary, a Cristine Christofis de Amorim, a Daniele Franco e o Naldo Rodrigues, com o acompanhamento do violonista Jonas Nascimento e do

tecladista Hermes Adriano Drechsel. Agradecer ao Coral Paraná, sob a regência dos Maestros Ana Luísa Vargas, Jonatas Jessé Borges e Ricardo Batista; à performática do Boneco Zequinha, que ficou lá ouvindo toda tua fala, estava junto contigo lá, Tassiane Siqueira Lima; à Coordenadora de Artes Visuais do Colégio Estadual do Paraná, Sr.^a Andrea Cedor Schultz; e aos telespectadores da *TV Assembleia* em todo o Paraná que também assistiram. Muito obrigado quem pôde assistir e vai ficar gravado, podem assistir pela Internet. Agradecer aos demais que compareceram aqui, participando e honrando, significando o trabalho do Poder Legislativo. E também a toda a equipe. Para fazer um trabalho desses, não só esse, mas no dia a dia da Assembleia Legislativa, sempre procuro agradecer às pessoas que nos ajudam, aos funcionários, porque sem eles nada acontece. Percebemos na palavra do Nilson, na fala dele, sempre agradecendo as pessoas que o ajudaram. A história dele é muito bonita. Foi uma ótima aula, aprendi muito com a sua humildade, um homem muito humilde e que Deus de fato deu realmente esse talento para o senhor, e cada um aqui tem o seu talento. Quero agradecer muito ao pessoal do Cerimonial, começando pelo Valtinho. O Valtinho sempre um grande parceiro, ajuda-nos muito na Assembleia Legislativa; à Coordenadora Cleusa Caiero, muito obrigado, que me orientou muito, porque não é o meu dia a dia, isto aqui acontece de pouco em pouco tempo. Apresentei..., estou no quinto mandato e apresentei me parece que cinco títulos apenas destes. São quase 20 anos de trabalho para cinco títulos, escolhendo as pessoas realmente que têm talento, e sempre ouvindo sugestões das pessoas que nos dão as sugestões, como foi o caso do Dr. Ivo, falando do seu trabalho. Agradecer à Roberta, à Maísa, ao Gilberto, à Camila, à Jeniffer, à Fabíola, à Rayana, à Bruna, à Cleonir, à Celinha, ao Fábio, à Felista, ao Marcelo, à Andressa, ao Valtinho, ao pessoal do setor do ar-condicionado para deixar um ambiente gostoso para nós, o Ângelo; à Diretoria de Tecnologia da Informação – DTI, que é o Rodrigo; ao som - o som também foi muito bom aqui -, o Rafael que fez isso para nós; à Diretoria de Comunicação, que leva as imagens e o trabalho da Assembleia Legislativa pelo Paraná, o Brasil e o mundo, o Lucas, o Eduardo, o Orlando, a Nádia, o Trajano, a Taís; e à própria *TV Assembleia*, que daí reproduz o que está acontecendo aqui, mostra ao vivo este trabalho, o Giovani, o Diego, o Marcelo, o Mateus, o

Rude, o João, a Kelly, a Paola. Da nossa equipe, da minha equipe de gabinete, todos aqui, na pessoa do Valdir, agradeço a todos. Obrigado pelo trabalho e por estarem aqui conosco até agora. O Governador Ratinho Júnior mandou um abraço para o senhor - não pôde estar aqui, mas mandou um abraço. Conhece muito a sua história. E agora agradecer muito também aos que estiveram comigo trabalhando na Mesa: o Nilson, que é o homenageado; a Luciana Casagrande, que teve que sair para outro compromisso no teatro; o Hélio Wirbiski, que está aqui conosco; o Herivelto, que está aqui do meu lado; e o Roberson, que está aqui também. Mas, o agradecimento especial é para a família do Dr. Nilson, que está aqui e depois vamos fazer uma foto na frente e gostaríamos que vocês participassem, vocês que vieram prestigiar os homenageados, as pessoas que usaram da palavra, os netos que particularmente me emocionaram muito também, porque a fala de um familiar tem um peso diferenciado e os netos, então, não preciso nem dizer. Meu Deus do céu!

Para encerrar, convido todos para ouvirem o Hino do Estado do Paraná. Quero agradecer a Deus por este momento que foi proporcionado a todos nós. Logo após, declaro encerrada a presente Sessão. Deus abençoe a todos. Muito obrigado. (Aplausos.)

(Execução do Hino do Estado do Paraná.)

“LEVANTA-SE A SESSÃO.”

(Sessão Solene realizada no Plenário do Centro Legislativo Presidente Aníbal Khury, iniciada às 18 horas.)